



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

O ESTRANHO (1952) DE MAX MARTINS: A PÓETICA DA DISSONÂNCIA NA AMAZÔNIA

Melissa da Costa Alencar (UFPA)

RESUMO:

Esse artigo estuda *O Estranho*, 1952, do poeta paraense Max Martins, e seu entrelace com a poesia moderna. Para isso, consideramos que a poética de Max dialoga com os textos de poetas brasileiros de renome nacional e universal. De acordo com Haroldo de Campos, a relação de uma poética com a tradição literária e o projeto que o texto artístico necessita é um encontro entre códigos, em uma rara capacidade de transferir mesmo as efemérides mais íntimas para o horizonte do fazer, em criação, na luta corpo-a-corpo com a palavra. Essa luta com o verbo é parte fundamental no jogo poético de Max Martins. Em *O Estranho*, ao questionar o lugar da poesia no seu próprio tempo, o poeta desmembra o texto e revela o homem e a escrita à margem. A poesia do estranho – o termo sugere o *gauche drummondiano* – constitui um “dialeto” talvez ininteligível para alguns. Como sugere o poema inicial dessa obra, a linguagem pode até mesmo ser incompreensível, daí o vocábulo “estranho” (do título do livro e do primeiro poema), ou seja, uma linguagem de choque, que se estranha com a realidade, no entanto, é o que quer o poeta, a transmutação da realidade cotidiana no poético. Neste trabalho, traçamos os aspectos relevantes da lírica moderna a partir de um estudo sobre os textos de Hugo Friedrich e Benedito Nunes, com o auxílio da relação entre Filosofia e Literatura, propomos uma leitura interpretativa de um dos poemas do livro (interpretando-o sobretudo à luz da leitura crítico-reflexiva de Benedito Nunes, primeiro crítico dos poemas de Max Martins). Com isso, pretendemos contribuir para os estudos literários no que tange falar mais demoradamente sobre os aspectos importantes da poesia de Max Martins, especialmente sobre sua iniciação no mundo poético e a dissonância de sua palavra poética na Amazônia.

Palavras-chave: Lírica Moderna. *O Estranho*. Jogo poético. Amazônia.

Apresentação

Com um sonoro grito de *Morra a Academia!* – a exemplo de Graça Aranha, um dos patronos do movimento modernista brasileiro, de 1922 – o poeta Max Martins pretendia decretar o fim da poesia aos moldes parnasianos, que sua geração ainda cultivava, em Belém, no Pará. O brado de protesto foi lançado na casa das tias de Benedito Nunes, situada à avenida Gentil Bittencourt, n.º 45, no bairro de Nazaré, cuja sala de visitas, “com suas cadeiras austríacas”, abrigava as reuniões de dois pequenos grupos de jovens que se uniram e fundaram solenemente a Academia dos Novos, aos moldes da Academia

Brasileira de Letras. Onze anos antes de Max Martins, Graça Aranha, membro fundador da Academia Brasileira de Letras, ao romper com os tradicionalistas para aderir ao Modernismo, conclamou os acadêmicos a modernizar a instituição, proferindo as palavras citadas na epígrafe desta introdução. Em Belém, após a exclamação de Max Martins, que se retirou teatralmente da sala de reuniões, indo sentar-se em frente à casa, do outro lado da rua, a Academia dos Novos se desfez, mas seus membros já eram imortais.

Não muito depois da dissolução da Academia dos Novos, esses mesmos “novos” tiveram oportunidade de publicar seus poemas no suplemento dominical de um jornal importante de Belém, na época, a *Folha do Norte*. O Suplemento foi criado e teve como editor e organizador um dos membros da ex-academia, neto do dono do jornal: Haroldo Maranhão. Com o Suplemento, verdadeiro elemento de união entre os poetas “novos” e “velhos” de Belém com poetas de São Paulo e do Rio de Janeiro. Max Martins, como colaborador, divulgou, portanto, seus primeiros passos na poesia no Suplemento literário da *Folha do Norte*. Desses poemas publicados, inicialmente, no Suplemento Arte-Literatura, quatorze deles foram organizados no seu primeiro livro de 1952 (apenas seis desses primeiros poemas ficaram de fora de *O Estranho*).

Muito tempo transcorreu da efusiva Semana de Arte Moderna no Brasil para a publicação do primeiro livro do poeta Max Martins, *O Estranho*, precisamente 30 anos. O título suscita no leitor uma série de interrogações: o que seria estranho? O seu livro? A sua escrita? A sua existência? Os seus leitores? A sua linguagem? A sua inquietação? A poesia de tradição moderna? O que faz de um poeta um estranho? Um *Homem na Multidão*, um *flâneur*, um *albatroz*, um *gauche*, um *anjo dos abismos*?

No universo poético de *O Estranho*

Procuramos nos dicionários o significado do termo “estranho”, que é ora adjetivo, ora substantivo. Reconhecemos algumas respostas que poderiam ser encaixadas ao sentido amplo do título: esquisito, excêntrico, o que é de fora, estrangeiro, desconhecido, novo, enigmático etc. Da leitura do dicionário dos símbolos destacamos as figuras do estrangeiro e do peregrino, que contribuem para a construção do significado do papel do poeta. Para isso, o termo peregrino reflete a sensação de como o homem se sente um desajustado, um ser estranho ao próprio meio em que vive. Enxergar-se um peregrino é viver em um estágio

transitório, em busca de um ideal, de um encontro consigo mesmo e com a existência transfigurada que é a poesia.

Conforme Max Martins afirmou, muitos anos depois, *O Estranho* do título do livro assemelha-se ao “anjo torto”, ao “gauche”, de Drummond (1930), ao “homem de passo errado diante da humanidade”, de Henry Miller (citado por Max na gravação), ao poeta-albatroz, de Baudelaire (*Fleurs du Mal*, 1857), cujas asas de gigante *l’empêchent de marcher* [“o impedem de andar”], e o faz ter consciência de ser diferente. O poeta moderno dividido entre a inspiração e o trabalho, entre o voo e a queda. Max reforça o sentido afirmando que pode ser considerado como o “sonhador”, o “distraído”, um estrangeiro no mundo, e, se lembrarmos também de *L’étranger* [*O estrangeiro*], de Camus, o homem perdido na sua absurda condição de existir. Max Martins via-se como um estrangeiro, pois “o poeta está só com sua linguagem. Nela tem sua pátria e sua liberdade [...]” (FRIEDRICH, 1991, p. 139). Se nos voltarmos de fato para a poesia desse poeta, como leitores do agora, do hoje, poderemos perceber o quão próximos estamos desse viajante das palavras.

A combinação de significados do termo que dá título ao livro nos faz crer que o poeta sentia-se verdadeiramente um estranho – fosse em relação ao seu tempo, fosse em relação a certas estéticas poéticas (no caso dele, a corrente literária parnasiana, pois em um certo momento sente a necessidade de romper com ela, e o faz, com seu “Morra a Academia!”). Daí, tal o *prince des nuées*, que não sabe andar na proa dos navios, atrapalhando-se nas suas asas de gigante, o poeta, fora de sua poesia, sente-se como um exilado.

E também um exilado no tempo presente: *O Estranho* é um livro dedicado à memória, *Em memória de meu pai. À minha mãe*. Entre vivências e experiências, o tema da morte soa como contraponto, como percebemos nas elegias, que aparecem em toda extensão do livro. A morte da infância, a perda de um tempo passado.

E é a figura do pai, Eurico Alves Martins, que marcará para sempre a vida e a formação de leitor de Max Martins. Era ele quem trazia gibis, revistas e as primeiras histórias infanto-juvenis, como o poeta mesmo declara em seu vídeo-depoimento: *Carioca, Noite Ilustrada, Fon-Fon, A aventura de Robinson Crusóé, Tarzan*, e até mesmo uma antologia poética, da qual Max não recorda o nome. Outra referência importante sobre a

formação de Max foi a convivência com seu tio poeta, Rocha Junior, pai do também poeta Alonso Rocha. O tio, da mesma geração que o poeta De Campos Ribeiro (1901-1980), influenciou de forma marcante o sobrinho ao presentear-lo com o livro de poesia *Meus Oito Anos*, de Casimiro de Abreu. Entre amigos e conversas sobre poesia, conheceu também outra pessoa que marcaria profundamente sua vida e sua escrita, o então professor de literatura Francisco Paulo Mendes, um dos que apresentaram a geração de Max Martins à poesia modernista e aos poetas franceses, em especial.

Max afirma, algum tempo depois, no mesmo depoimento (1996), que sua poesia apresenta um forte teor de vida e, portanto de autobiografia inconsciente, pela presença de pessoas e fatos da sua existência. Para ele, “arte e literatura é muita vida, aventura, criação, é espriar-se. O artista tem que ser Deus, e possuir liberdade absoluta”.

A coletânea dos poemas de *O Estranho*, quanto à ordem dos poemas, segue uma disposição temática: o espaço do novo e do não familiar, em “Estranho”; o núcleo da infância, “Do poema da infância I e II”, “Menina Triste”, “Por quê?”; as expectativas com o futuro em “O Filho”; as crises existenciais, em “Balzaqueana triste” e “Narciso”; a ausência pela morte, “Do poema da infância II” e nas cinco elegias do livro – “Segunda Elegia Para Sonia Maria”, “Terceira Elegia Para Sônia Maria”, “Elegia dos que ficaram”, “Elegia em junho” e “Elegia”; o lado prosaico da vida cotidiana, em “A Varanda”, “Muaná da Beira do Rio”; o jogo lúdico com as palavras, em “Branco Branco”; a arte poética, em “Soneto”, “Poemas I e III”, “Poema”; o erotismo, em “Estranho”, “Do poema da infância I”, “O Filho”, “Poemas II”. Além desses, há outros eixos temáticos que iremos observar no decorrer da análise, como o cromatismo exacerbado, mesmo que a cor obsessiva seja a sua ausência, ou seja, o branco.

Selecionamos aqui, apenas uma leitura interpretativa do primeiro poema, que dá título ao livro, *O Estranho*.

Estranho

Não entenderás o meu dialéto
nem compreenderás os meus costumes.
Mas ouvirei sempre as tuas canções
e todas as noites procurarás meu corpo.
Terei as carícias dos teus seios brancos.
Iremos a miude ver o mar.
Muito te beijarei

e não me amarás como estrangeiro (*OE*, p. 5)

Logo à primeira leitura, o poema chama a atenção pela escolha do nome “Estranho”, que é título do livro, mas nesse caso acrescido do artigo determinante masculino (O), além de ser o primeiro poema, na disposição da obra. Nesse sentido, eis que o poema marca uma espécie de portal por onde entrará o leitor. E esse não conhece ainda o poeta, mas a partir desse poema, como se fosse uma iniciação, passará a conhecê-lo, e mais, saberá detalhes, quando encontrar sua infância, seu passado, seu presente, suas expectativas, sua dor e seu prazer, por meio da imaginação e da linguagem poética. É possível que, no primeiro momento, não compreenda certas ideias e comportamentos – “Não entenderás o meu dialeto / nem compreenderás os meus costumes”, vaticina o eu lírico. Mas, também é provável que, no final da leitura de seus versos, passe a compreendê-lo e ele deixará de ser um *estranho*. Com a leitura e identificação própria do lirismo – a recordação, o estar um-no-outro provocado pela poesia (STAIGER, 1972) –, o intérprete o entende, por ter compartilhado de suas experiências em uma relação de proximidade, de intimidade, “[...] e todas as noites procurarás o meu corpo [...]” – o corpo do texto.

Há desde a abertura do livro um vaticínio, sereno, mas seguro de sua sentença. O primeiro verso do primeiro poema, transcrito na epígrafe deste capítulo, adverte o leitor de que será encontrado nas páginas do livro e, no processo de mise-en-abîme entre leitor e autor e entre o sujeito e o interlocutor dentro do poema, esse tu que contracena com o eu lírico também ouve a mesma predição: não me *entenderás*, meu *dialeto* é ininteligível para ti.

O título, do livro e do poema, inquieta por provocar – antes mesmo da leitura das frases ou versos – esse estranhamento das palavras em si, que será depois estendido à linguagem, à fala, o que está reforçado pelo campo semântico das palavras *dialeto*, *entenderás*, *compreenderás*, *ouvirei*, *canções*, *corpo* e *estrangeiro*, elas apresentam o contexto do desvelamento, do conhecimento e da compreensão referente a um conjunto de marcas linguísticas de uma determinada comunidade de usuários da linguagem, para o estabelecimento da comunicação e do entendimento. No caso do poema, a necessidade de compreender a linguagem poética, tanto para o leitor, a quem se dirige o texto; quanto para o poeta, quem produz o texto com determinada proposta.

Podemos interpretar o dialeto também como a “nova linguagem” de que fala Friedrich, sem um objeto comunicável, que apresenta um efeito de dissonância de atração e, ao mesmo tempo, de inquietação diante desse dialeto do “Estranho”. Daí a poesia moderna nos conduzir ao “âmbito do não familiar, deforma-os. A poesia não quer mais ser medida em base ao que comumente se chama realidade [...]” (FRIEDRICH, 1991, p. 17).

Há nessa proposta algo a ser conhecido, investigado para relacionar-se com esse estranho. Assim, o poeta inquieto, subversor, atento ao novo, à diversidade, à liberdade poética sem amarras, para trazer uma discussão que tenha novos olhares para a criação artística, o aguçamento, um não estar acomodado no tempo e nos padrões formais até então existentes e seguidos.

Nesse jogo linguístico, percebemos ainda uma escrita com diálogo “logo-erótico”, quando o poeta agrupa as palavras: *meu corpo, as carícias, seios brancos, te beijarei, não me amarás (como estrangeiro)*; o poeta propõe um processo de construção poética, ele quer transpor as barreiras da linguagem e desvendar o estranhamento linguístico numa atitude de aproximação e intimidade com a escrita, com o corpo e com a linguagem.

A primeira fase da poesia de Carlos Drummond de Andrade, conhecido como a fase *gauche*, declaradamente pessimista, buscava o isolamento, o individualismo e a reflexão existencial, pelo desencanto em relação aos acontecimentos do mundo. Todos esses atributos referem-se ao conceito de “*gauche*”, de indivíduo desajustado, marginalizado, à esquerda dos acontecimentos, excêntrico; possuidor de um olhar irônico e nauseado, pela dolorosa consciência da realidade. Nos poemas de Drummond, ele se apresenta como “torto” (morfológico), “sombra” (cromático) e “*gauche*” (topológico), como na poesia, “Poema de sete faces” que diz, “Quando nasci, um anjo torto / desses que vivem na sombra / disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida [...]”. Esse anjo torto, também é um “estranho” em toda a sua extensão de significados.

Arthur Bogéa escreveu sobre “O estranho”,

Entre o “Estranho” do título e o “estrangeiro” do verso final m/M apresenta seu itinerário poético: de uns “seios brancos” ao “mar” que um dia “iremos ver amiúde” faz o leitor pressupor distância. [...] A publicação (1952) já introduz a figura do anjo que mais tarde se traduziria em “pássaro”, “asa”, “voo”, os “lírios” – “tens uns lírios sobre a mesa” (10) [...] (BOGÉA, 1991, p. 2).

Em sua leitura, Bogéa toma a imagem do estranho como esse anjo que será citado no Soneto, “esse anjo iconográfico que me arma as penas” – estranho anjo que paira na poesia dos poetas paraenses – e mostra a sua transfiguração nos poemas posteriores de Max: de “anjo” a “pássaro”, a “asas”, “voo”, “lírio”, branco...

Entramos no universo poético de Max Martins, pelos portais de *O Estranho*, “Estranho”... Como o “[...] tupi tangendo um alaúde”, de Mário de Andrade (*Paulicéia desvairada*, 1922), Max Martins, tenha ou não tido conhecimento do movimento da Semana de Arte Moderna, tinha lido muito mais do que poderiam imaginar seus amigos e críticos contemporâneos. “Só começaríamos a modernizar-nos depois da morte de Mário de Andrade, em 1945” – disse Benedito Nunes, no prefácio de *NPC* –, “Max Martins, honra lhe seja feita, antecipou-se a esse processo de geral conversão estética” (NUNES, 1992, p. 17). O grito de Max Martins – de “Morra a Academia!” –, tantas vezes relatado, foi um rompimento com o “acadêmico”, no sentido de clássico, de antigo e estático. Porém, mais do que esse grito, é sua primeira poesia (cujos poemas foram compostos e recolhidos ao longo de sete anos de experiência e leituras no Suplemento da *Folha*, até a publicação de *O Estranho*) que constitui o testemunho de que o poeta honrou seu tempo e as tendências literárias desse tempo.

Nessa coletânea dos primeiros poemas de Max Martins, publicada há mais de uma década, na Belém do pós-guerra, o leitor do século XXI pode reconhecer a prática da palavra em liberdade, os princípios da colagem de palavras (que depois ele desenvolveria com desenho e imagens, em seus diários), montagem de lembranças, traços, devaneios, cores – características não apenas da poesia como também da pintura de vanguarda na época. A mistura do subjetivo e do objetivo, memória e realidade para descrever um ambiente antigo e novo.

Conclusão

Na introdução desta dissertação questionamos você, leitor, e nós mesmos sobre o significado do título da primeira obra de poesia de Max Martins, *O Estranho*. Mas afinal, o que seria estranho para o poeta? E para nós, leitores? Dessa proposta, tentamos responder as questões que instigaram até o momento essa reflexão, que podemos considerar ‘quase’ final, pois que na interpretação de uma obra não encontramos o fechamento das portas

abertas pela poesia. Certamente, a esta altura, você terá suas próprias conclusões sobre as possibilidades de ler *O Estranho*, e quanto a nós, foi preciso escolher certos caminhos teóricos, históricos, filosóficos, e muitos outros, a partir do que nos sugeriu a leitura do livro.

O universo poético de *O Estranho* aborda os vinte e três poemas do livro, articulados pelos teóricos apresentados anteriormente. O livro nos inquieta do título aos poemas, na homenagem a sua mãe pela memória do pai, pois, a partir da dedicatória, já nos inserimos na temática da obra, que foi construída em torno do estranhamento, da memória, e da morte. Por essas vias, poderíamos caminhar especificamente para um estudo psicanalítico de *O Estranho*, mas não foi esse o percurso escolhido nessa dissertação. Desejávamos mais, pois sempre nos incomodou a ausência de um trabalho direcionado para a primeira publicação de Max Martins. Foi assim que o título do livro nos contagiou imediatamente, e, no ato de paginá-lo, os poemas capturaram a imensa vontade de desvendá-los como se fossem o enigma da esfinge: “Decifra-me ou devoro-te”.

Os poemas foram dispostos por eixos temáticos que passam pelo espaço do desconhecido: do núcleo da infância e suas reminiscências poéticas, até o canto elegíaco de sua dor pela ausência do pai. Nesse universo cromático dos poemas, iniciamos a sua decifração, mostrando que carregam uma pincelada de vida cotidiana, por vezes misturada ao jogo lúdico com as palavras, ao mesmo tempo em que reproduzem o viés da arte poética, fortemente defendida pelo poeta como um “fazer”, conforme destacou para Oswaldo Coimbra em uma entrevista: “A poesia é antes de tudo um trabalho que é, também, físico”.

Eis o ensinamento e a divisão do pão, da vida em forma de poesia. Max Martins soube doar-se sempre ao seu leitor, mesmo no simples ato de amar as palavras, nesse leque absoluto de liberdade, consegue se expressar com uma sinceridade ingênua e sofisticada, com intenções de encantamento, para convocar o outro para essa comunhão do “pão de sábado”.

REFERÊNCIAS

TEXTOS DO AUTOR

MARTINS. Max. *O estranho*. Belém: Revista de Veterinária, 1952.

_____. *Anti-retrato*. Belém: Gráfica Falângola, 1960.

_____. *H'era*. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1971.

_____. *O ovo filosófico*. Belém: Editora artesanal limitada, 1975.

_____. *O Risco subscrito*. Belém: Semec, 1980.

_____. *Abracadabra*. Belém: Edição serigráfica por Ronaldo Moraes Rêgo, 1982.

_____. *A fala entre parêntesis* (renga com Age de Carvalho). Belém: Edições Grápho, PMB, Semec, Grafisa, 1982.

_____. *Caminho de Marahu*. Belém: Edições Grápho, Grafisa, 1983.

_____. *60/35*. Belém: Edições Grápho, Secdet, 1986.

_____. *Para ter onde ir*. São Paulo: Augusto Massi e Masso Ohno Editor, 1992.

_____. *Não para consolar*: poemas reunidos 1952-1992. (Coleção Verso e Reverso, n.º 2). Belém: Cejup, 1992.

_____. *Poemas reunidos: 1952-2001*. Belém: Edufpa, 2001.

_____. *O cadafalso*: coletânea. (Org. Ney Paiva). Belém: Cão-Guia, 2002.

_____. *Cadernos de pintura*. Diários de Max Martins. Belém: Secult, 2007.

TEXTOS SOBRE O AUTOR

BOGÉA. Arthur. *ABC do magro poeta Max Martins*. Coleção Xumucuí. Série Literatura. Belém: Editora Universitária da UFPA, 1991.

CAMARÃO. Adalcinda. *Julgamento das obras poéticas do Concurso de Poesia da Academia Paraense de Letras*. Arquivos da APL. Pasta pessoal da acadêmica. Em 15 de janeiro de 1953.

FRANCO. Georgenor. *Os concursos literários da Academia Paraense de Letras*. Separata da revista da APL. Volumes XX e XXI. Anos de 1977 e 1978 (s/d).

TEÓRICOS E CRÍTICOS DA LITERATURA

ALENCAR. Melissa. *1952: a poesia de O Estranho de Max Martins*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2011.

ANDRADE. Carlos Drummond de. *Claro enigma*. 19.^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BARATA. Ruy Guilherme Paratininga. *Anjo dos abismos*. São Paulo: Editora José Olympio, 1943. No sítio: <<http://www.culturapara.com.br/rbarata/ruylivro.htm>>. Acesso em: 19 out. 2009.

BAUDELAIRE. Charles. *Le peintre de la vie moderne*, 1863. No sítio: <http://www.litteratura.com/ressources/pdf/oeu_29.pdf>. Acesso em: 20 set. 2010. Collections litteratura.com. 29 p.

_____. *A modernidade de Baudelaire*. [Apresentação de Teixeira Coelho e tradução de Suely Cassal]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FRIEDRICH. Hugo. *A estrutura da lírica moderna*. 2.^a ed. São Paulo: Duas cidades, 1991.

HOUAISS. Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 2.0. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 184-191.

MASSAGLI. Sérgio Roberto. Homem da multidão e o flâneur no conto “O homem da multidão” de Edgar Allan Poe. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários Volume 12 (Jun. 2008) – p.1-170. ISSN 1678-2054 <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa>.

NUNES. Benedito. *Max Martins, Mestre-Aprendiz*. In. MARTINS, Max. *Não para consolar*, poemas reunidos 1952-1992. Belém: CEJUP, 1992/2001. 17-43 p./ 39 p.

_____. *Passagem para o poético*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

POE. Edgar Allan. *Homem das Multidões*. No sítio: <http://www.gargantadaserpente.com/coral/contos/apoe_homem.shtml>. Acesso em: 27 out. 2010.

SANT’ANNA. Affonso Romano de. *Drummond: o gauche no tempo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.

MÍDIAS

Vídeo-depoimento gravado nos dias 18 e 25 de setembro de 1996 no Cine Teatro Líbero Luxardo. Acervo de vídeos em VHS na sala do Museu da Imagem e do Som, prédio do Complexo Feliz Lusitânia em Belém/Pará.